

S. João de Barqueiros

BARQUEIROS, orago S. João Baptista, era uma vigararia da apresentação do abade de Fonte Boa, do concelho de Esposende.

Barqueiros, segundo o P.^e António Gomes Pereira, vem de aqui haver *homens que trabalham com barcos*.

Se é certo que esta freguesia não é do litoral nem tão pouco atravessada por qualquer corrente de água navegável, tornando-se por isso actualmente de difícil explicação a origem do seu nome, não repugna porém acreditar que em tempos remotos viessem nela acostar barcos.

Essa faixa de terra baixa, que se estende ao norte, a que se chama Lagoa das Necessidades, poderia ter sido, em épocas muito afastadas de nós, uma ria ou braço de mar, cujas águas chegassem até aqui, pelo menos nas marés vivas. O Cávado, seguindo ao chegar a Fão em uma recta, entraria garbosamente no oceano e este, fazendo refluir as suas águas, espalhá-las-ia por aqueles terrenos, ora enxutos, de maneira que poderiam ser sulcadas por barcos, para os quais esta freguesia daria um grande contingente para as suas tripulações.

Nesta Lagoa reúnem-se quatro ribeiros que formam o rio Tinto, afluente do Cávado; nas grandes cheias ainda esta terra é invadida pelas águas e em algumas é tama-

nho o seu volume que chegam a submergir a estrada de Barcelos à Póvoa de Varzim, na Ponte do Estreito.

Em uma dessas cheias, nos meados do século passado, deu-se o caso de a diligência que fazia a carreira entre Viana e Porto, metendo-se imprudentemente à água naquela passagem, ser arrastada, morrendo afogados os seus passageiros entre os quais, dizem, vinham dois oficiais do exército espanhol.

Barqueiros era do antigo julgado de Faria, do termo e comarca de Barcelos, tendo porém um lugar, o de Baçar, que pertencia ao Couto da Apúlia.

Administrativamente no século XIX andou numa verdadeira contradança entre Barcelos e Esposende; em 1835 passou para o concelho de Esposende, para no ano seguinte voltar para o de Barcelos; em 1867 voltou para Esposende e pouco depois foi incorporada definitivamente no concelho de Barcelos, tendo sofrido porém várias tentativas posteriormente para ser retirada deste concelho.

A Igreja Paroquial estava primitivamente em um pequeno outeiro, na margem direita do ribeiro Cantinho, sendo mudada nos princípios do século XVIII para o sítio onde hoje se vê a velha matriz, na margem esquerda do mesmo ribeiro.

Este templo é de construção modesta; o altar-mor é de talha moderna, bem como os outros quatro do corpo da Igreja; os tectos são em madeira, tendo o da capela-mor pintada a imagem de S. João a baptizar Cristo.

Do lado do evangelho está a sacristia da Confraria do Sacramento e do lado da epístola a Paroquial.

No arco Cruzeiro, do lado esquerdo, vê-se uma pequena placa em bronze com a seguinte inscrição:—«ESTE TEMPLO DESTA FREG.^a DE SÃO JOÃO BAPTISTA DE BARQVEIROS MANDOV FAZER TODO A SVA CVSTA O RD.^o AFFONSO DE MEYRA CARRILHO

SENDO ABADE RESERVATARIO DO SALVADOR DE FONTE BOA DA QVAL ESTA HE ANNEXA NO ANNO DE 1720 E NO ANNO DE 1727 COLOCOV NO MESMO TEMPLO O SS. SACRAMENTO E DEYXOV O RENDIMENTO NECESSÁRIO PARA O AZEITE DA-LAMPADA E NESTE MESMO TEMPLO A' CONFRARIA DO SENHOR DEYXOV O LEGADO POR SVA ALMA DE HVA MISSA CANTADA NOS TERCEIROS DOMINGOS DE CADA MEZ E DEYXOV OVTRO LEGADO DE HVA MISSA NOS SÁBADOS DE CADA SOMANA DITA NO ALTAR DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DEYXOV MAIS OVTRO DA TRÊS MISSAS NO NATAL EM CADA ANNO TVDO POR SVA ALMA EMQ.¹⁰ O MVNDO DVRAR PARA O QUE DEYXOV OS RENDIMENTOS NECESSÁRIOS DEYXOV MAIS O LEGADO DE HVA MISSA DOS FIEIS DE-FVNTOS TODOS OS ANNOS».

É enorme esta inscrição, como acaba de ver o caro leitor; custa a escrevê-la e é aborrecido lê-la, mas sirva-nos isto de desconto aos nossos pecados, já que o bom do abade, para desconto dos seus, tantos legados deixou.

Está este templo cercado de adro, fechado por parede com uma porta de serventia e fojo.

Não tem torre e os seus dois sinos estão em forquilhas de ferro levantadas na parede do adro.

A Residência Paroquial, humilde e arruinado edifício, está ao lado direito da Igreja, com entrada pelo mesmo adro.

À margem direita da estrada de Barcelos à Póvoa de Varzim, em frente a um largo e extenso terreiro, ergue-se o majestoso santuário de Nossa Senhora das Necessidades.

Existiu aqui uma antiga capela, hoje desaparecida, pertencente à Casa dos Velosos, com comunicação por um passadiço com ela.

João Veloso de Miranda da Fonseca, senhor daquela casa, foi um dia a Lisboa tratar de uma demanda e ali adoeceu gravemente.

Tendo, porém, invocado o auxílio de Nossa Senhora das Necessidades, cuja imagem adquiriu, recuperou a saúde.

Voltando de Lisboa, restabelecido da saúde e com a questão ganha, mandou colocar a milagrosa imagem na capela junto às suas casas.

A devoção do povo por aquela imagem foi aumentada de tal maneira que resolveram ali perto levantar um templo condigno àquela senhora, auxiliando a empresa o dito senhor da casa dos Velosos e concorrendo o povo também com trabalho e dinheiro.

Edificou-se assim o grandioso santuário que hoje se vê, de fachada elevadíssima, sobressaindo dos seus telhados um formoso zimbório e a elegante cúpula da sua torre colocada na parte posterior.

No frontispício ao centro tem uma ampla sacada com oratório, onde se costumava dizer a missa campal na ocasião das romarias. É esta encimada pela seguinte inscrição:—
«FEITA EM 1883, SENDO CAPELLÃO O P.^e BERNARDO ANTÓNIO DOS REIS».

Por cima desta estão as antigas armas reais, em pedra, e em lugar superior a imagem de Nossa Senhora, também em pedra.

Encostadas ao templo, vê-se de cada lado a sua capela; a do lado esquerdo é a do «Senhor dos Aflitos», em cujo altar está a imagem do Senhor da Cana Verde, e a do lado direito é a do «Senhor dos Perdidos», com as imagens do Senhor dos Passos e a da Senhora das Angústias.

Este templo em forma de cruz latina está cercado por adro com quatro portas de serventia e respectivos fojos.

Dentro, ainda que não muito espaçoso, é imponente; o seu altar-mor é em talha renascença, bem como os dois laterais; tem dois púlpitos e coro.

No arco da capela-mor existem dois pequenos oratórios esculpidos em madeira, representando um o nascimento de Cristo e o outro as Almas do Purgatório.

No pavimento do transepto sobressai uma sepultura brazonada com uma inscrição quase gasta, mas onde ainda se lê: «DOS DESCENDENTES DA CASA DOS VELLOSO». .

Nas paredes viam-se pequenos quadros, em votos, alusivos a milagres que Nossa Senhora tinha feito aos seus devotos e alguns com letreiros curiosíssimos, sendo há bem pouco tempo mandados retirar dali.

A administração desta capela passou da casa dos Velosos para os seus capelães e em 1906 a *política*, que se mete em tudo, até com os santos, formou uma confraria à qual entregou aquela administração.

Foi este templo visitado pelo rei D. Luís I, por ocasião de uma das suas viagens ao norte, adquirindo desde então a prerrogativa de real.

Levantou-se há uma dúzia de anos, uma grande questão acerca da matriz desta freguesia: uns queriam que ela continuasse no seu antigo templo; outros que fosse transferida para esta capela.

Dividiram-se os fregueses em dois partidos que se guerrearam denodadamente, havendo graves rixas e discórdias.

O Sr. Arcebispo de Braga, a exemplo de Alexandre da Macedónia, cortou o nó górdio suprimindo em 1922 a paróquia e distribuindo os seus lugares pelas circunvizinhas.

Ultimamente porém foi restabelecida, dando-se-lhe pá-roco próprio e funcionando os actos religiosos ora em um

ora em outro templo, até que há bem pouco tempo, fins de 1931, passou esta capela a servir de Igreja Paroquial.

Em frente a este templo, ao nascente estende-se um amplo terreiro fechado ao fundo pela casa que foi de Romão Sobral e enquadrado dos dois lados por duas filas de edifícios, dos quais alguns de muito boa aparência.

Era nele que há anos se fazia a importante romaria de Nossa Senhora das Necessidades, muito concorrida de gente, principalmente no arraial à noite, em que as *maiatas* e as *vianezas* apareciam com os seus trajes regionais.

Todas as semanas, às terças-feiras, realiza-se aqui uma feira, que foi criada nos princípios do século XIX.

Há nesta freguesia mais as seguintes capelas:

A Capela de Nossa Senhora da Abadia, particular, no lugar da Lagoa Negra e *A Capela do Adro Velho*, construída há poucos anos no lugar onde esteve a primitiva Igreja Paroquial.

Conta-se que apareciam todas as noites umas luzes naquele lugar, sinal evidente de que estava ali enterrada qualquer pessoa de virtude.

Um devoto então mandou erigir aquela capelinha, que pelo seu tamanho mais parece um Nicho.

Ao cavar os seus alicerces foi encontrada uma sepultura com ossos, o que mais veio confirmar a crença de ali estar enterrado algum santo ainda que *desconhecido*.

Há os seguintes Nichos ou Alminhas: as do Balazeiro, as da Telheira, as da Lagoa Negra e as do Talho.

O Cemitério Paroquial é no lugar de Prestar, à margem esquerda da estrada que vai à Apúlia; no seu portão tem a data 1886.

Esta freguesia, situada em planície, é servida pela Estrada de Barcelos à Póvoa de Varzim, pela que vai desta à Apúlia e por um travesso em construção que do Largo das Necessidades vai até à antiga Igreja Paroquial; é

banhada pelos ribeiros de Pousados, que nasce em Laundos, limites de Rates, do concelho da Póvoa de Varzim e desagua no oceano e pelo dos Cantinhos que nasce nos Vilares, afluente do rio Tinto.

Confronta esta freguesia do norte com a de Fonte Boa e a de Rio Tinto, do concelho de Esposende, do nascente com a de Cristelo, do sul com a de Laundos e a da Estela, do concelho da Póvoa de Varzim e do poente com a da Apúlia, do concelho de Esposende.

A sua população no século XVI era de 11 moradores; no século XVII era de 40 vizinhos; no século XVIII era de 68 fogos; no século XIX era de 823 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 1.043 habitantes, sendo 467 varões e 576 fêmeas, sabendo ler 168 homens e 66 mulheres.

Tem duas Escolas Oficiais, criadas em 1908, uma para cada sexo, que funcionam em edifícios arrendados.

Existiu aqui nos princípios deste século um colégio de frades franciscanos com o nome de *Colégio de S. LUÍS*.

Domingos José Carregosa e Silva, desta freguesia, deixou importantes legados e um edifício nesta freguesia ao convento de Montariol de Braga e os frades daquele convento aumentaram então este edifício e estabeleceram nele o colégio.

Com o advento da República foi extinto o colégio, passando o edifício para o Estado, o qual, após uma questão judicial, foi mais tarde entregue aos herdeiros do doador.

Hoje é de particular.

Há nesta freguesia 7 lojas de mercearia, uma fábrica de serração e outra de fazer telha e tijolos.

Tem Caixa de Correio.

A sua população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Abelheira, Barqueiros, Igreja, Casta-

nheiro, Covas, Jouve, Lagoa Negra, Terreiro do Bassar, Necessidades, Prestar, Talhos, Telheira, Vilar e Cria.

As suas casas mais importantes são, além das do Terreiro das Necessidades como edifícios: a dos Velosos (brazonada), a de Rio Tinto, a da Igreja, a do Neves, a do Vilão, a de Cima, a do Vinhas, a da Ponte, a do Moreira, a de Jouve, a de Cancujos e a do Veiga.

Dos homens mais importantes destacaremos os seguintes :

Fr. João Veloso de Miranda Ferreira da Fonseca, F. C. da C. R., Comissário das três Ordens Militares, Correio-Mor de Esposende e Monteiro-Mor da Vila de Arrifana, Corregedor do crime da Relação do Porto, foi senhor da Casa dos Velosos nesta freguesia e o grande iniciador das obras do templo das Necessidades.

P.^e Afonso de Meira Carrilho, abade da freguesia de Fonte Boa, do concelho de Esposende, mandou construir à sua custa em 1720 o edifício da Igreja Paroquial no lugar de Barqueiros.

Dr. Quirino Augusto de Sousa e Cunha, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, natural desta freguesia, Delegado do Procurador Régio do Julgado Municipal de Esposende, etc.

Dr. Joaquim Maria dos Reis Vate, natural da freguesia de Fonte Boa, do concelho de Esposende, Médico e Cirurgião pela Escola Médica do Porto, foi Vereador da Câmara Municipal de Barcelos, residindo muitos anos em Barqueiros como médico do partido municipal.

António da Silva Montenegro, natural desta freguesia, antigo Professor de ensino livre. Indo residir para a vila da Póvoa de Varzim ali exerceu cargos importantes; foi Presidente da Câmara Municipal, Provedor da Santa Casa da Misericórdia daquela vila, vogal das Corporações de Bombeiros e da Beneficente, onde faleceu, já em 1932. 62

Nesta freguesia e em outras circunvizinhas, em tempos idos, houve explorações de minerais, das quais ainda nos aparecem vestígios. Ao sul, nos limites desta freguesia, existe a Lagoa Negra, restos dessas antigas explorações.

Ao passar no terreiro das Necessidades lembra-me sempre uma anedota que me contaram e que não me furto ao prazer de aqui a deixar narrada para amenizar um pouco estas maçudas descrições e histórias de freguesias.

Era na guerra da Patuleia.

Espalhando-se certo dia em Barcelos a notícia de que o castelo de Vila do Conde estava sendo atacado, tocaram os sinos a rebate, juntando-se muita gente da vila e aldeias circunvizinhas.

Sabido o caso, correu então um frémito de entusiasmo entre aquele povolêu para ir salvar o castelo tão seriamente ameaçado, formando-se logo um batalhão, do qual tomou o comando um antigo capitão de milícias.

Decorridas algumas horas, lá vai estrada fora, a caminho de Vila do Conde, aquele tropel de gente aguerrida, diversamente fardada e calçada, munida de armas de vários feitios, hurrando e berrando morras.

Chegando ao Terreiro das Necessidades, entendeu o comandante que era aqui sítio azado para fazer alto e descansar, esperando no entretanto poder refazer com gente da vizinhança as fileiras já um pouco desfalcadas pela fuga à surrelfa dos menos entusiastas.

O grosso do batalhão bivacou no Terreiro e o Capitão e Estado Maior foram descansar para casa de pessoa conhecida e amiga.

Quando entenderam que eram horas de partir, desceram ao terreiro e o comandante, mandando unir fileiras, deu a seguinte voz de comando: *Meia volta à direita, volver. Marche.*

Qual não foi porém o seu espanto e indignação quando aquela gente, em vez de obedecer, se baralha e confunde, desfazendo as fileiras que tanto trabalho lhe tinham dado a formar.

Querendo ver nisso um acto de indisciplina e talvez de insubordinação, apoplético grita, barafusta e assenta a sua brilhante espada nas costas dos que lhe ficam mais próximos.

Um lavrador, porém, que tudo presenciara e tinha percebido a causa da atrapalhão, respeitosa e medrosamente se dirige ao Capitão e pede-lhe licença para explicar aos soldados as suas vozes de comando, visto eles as não terem entendido.

O capitão acedeu e, formadas de novo as fileiras, o lavrador grita-lhes então: *Soldados, virem a cara para onde tem. .. costas e toca a marchar.*

A manobra fez-se sem incidente e o batalhão marvòticamente tomou a estrada de Vila do Conde em socorro do seu castelo sitiado.

A anedota é insulsa?

Não tenho culpa ; contei-a como m'a contaram.

NOTA — Em 30 de Novembro de 1846 lavradores do lugar das Necessidades, quase todos armados de fources e paus e muito poucos de espingardas, foram a Esposende e aí fizeram a proclamação de D. Miguel. Vendo porém que ninguém aderira, retiraram-se sem nomear autoridades.

Este facto vem narrado em um livro, «A Patuleia», edição de 1909 da «Real Bibliotheca Municipal do Porto».